

O Renascimento de Vênus: a construção da representação da Vênus de Botticelli pela modelo transexual Lea T¹

Luana Silva da CRUZ²

Gisele de Azevedo ENDRES³

Nísia Martins do ROSÁRIO⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este trabalho propõe-se a investigar como é construída a representação da Vênus pela modelo transexual Lea T na capa de dezembro de 2017 da revista ELLE Brasil. Esta capa foi desenvolvida através da produção de uma fotografia inspirada no quadro *O Nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli. Por meio do estudo de Roland Barthes sobre os processos de conotação na mensagem fotográfica é apresentada a relação de estetismo encontrada na elaboração da capa. A partir desta opção na construção fotográfica, apresentamos algumas reflexões extraídas da observação da imagem e como se dá a apropriação dos elementos do quadro de Botticelli na representação do feminino.

PALAVRAS-CHAVE:

Fotografia; Artes Visuais; Estudos de gênero; Revista ELLE; Lea T.

Introdução

Este artigo nasce da provocação causada pela capa de dezembro da ELLE, porque a percebemos como inovação e manifesto. Ver a representação de Vênus, um dos maiores símbolos do feminino em arte, por uma modelo transexual, em um país com altos índices de violência e homicídios de transexuais e travestis⁵, propõe um discurso ativo no combate ao preconceito. O que encontramos neste estudo a respeito desta ação da revista

¹ Trabalho apresentado na IJ06 - Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFRGS, e-mail: luanacruz.7@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 8º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Publicidade e Propaganda da UFRGS; bolsista de iniciação científica BIC/UFRGS no grupo Corporalidades, e-mail: gisendres@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS e professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, e-mail: nisiamartins@gmail.com

⁵ A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) produziu o Mapa dos assassinatos, no qual consta que, apenas no ano passado, “ocorreram 179 Assassinatos de pessoas Trans, sendo 169 Travestis e Mulheres Transexuais e 10 Homens Trans. Destes, encontramos notícias de que apenas 18 casos tiveram os suspeitos presos, o que representa 10% dos casos”.

Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1zhMgCK3du6SYZoUhoGPquMHsYcUVAVrp/view>. Acesso em: 12/04/2018.

mostra a intenção de um posicionamento diante do momento, em que o conservadorismo afeta as artes e produz tantos preconceitos.

A pertinência de uma revista de moda de grande circulação apresentar esta proposta é justamente provocar o público, inclusive os que se sentem incomodados com esta representação. Uma revista com um público de consumo predominantemente feminino, assume a transexual como mulher, que merece e deve ser representada como tal.

A partir destas breves considerações surge nossa intenção de estudar, por meio da relação entre fotografia e arte presentes neste contexto, as possibilidades de reconfiguração de sentidos identificadas nessa capa. Entendemos, a princípio, que a proposição da ELLE traz ânimo a uma luta não apenas de representatividade, mas de sobrevivência, com a qual também esperamos contribuir através deste artigo.

Para tanto, nossa proposta é compreender como são construídos os sentidos da Vênus pela modelo Lea T nessa capa. Nosso estudo inicia apresentando os processos de conotação definidos por Barthes, em especial o estetismo. Consideramos também relevante a inclusão de questões de gênero abordadas por Butler, pertinentes ao entendimento desta representação. Após, apresentamos mais detalhadamente informações da ação da Revista ELLE, da modelo Lea T e do quadro *O nascimento de Vênus*. Este caminho busca traçar algumas proposições em torno da representação do feminino proposta pela ELLE.

Da obra de arte à capa da revista

O uso das imagens de arte é comum nas mídias, em especial na publicidade, na busca de agregar valores, como beleza, elegância, nobreza, ao produto anunciado (SANTAELLA, 2005). Inicialmente, este parece o apelo da revista ao anunciar-se “celebração da moda e da arte”. Contudo, percebe-se na apresentação da proposta a intenção de uma construção de sentidos através da escolha das obras e de suas novas versões.

Compreendemos nesta capa uma escolha editorial que se associa ao texto de Barthes, *A Mensagem Fotográfica*, no qual o autor trata da fotografia de imprensa. Apesar de ter como alvo principal de suas considerações as fotografias em jornal, seu entendimento a respeito dos processos de conotação, principalmente, foi considerado relevante para este estudo. O autor entende que o estudo da mensagem fotográfica merece

um método diferente de observação do que se daria ao estudo da emissão e recepção, pois, enquanto nestes casos o caminho seria pelo estudo comportamental e sociológico, no primeiro caso:

(...) quaisquer que sejam a origem e o destino da mensagem, a foto não é apenas um produto ou um caminho, é também um objeto, dotado de uma autonomia estrutural: sem de nenhum modo pretender separar êsse [sic] objeto de seu uso, torna-se necessário prever aqui um método particular, anterior à própria análise sociológica, e que não pode ser senão a análise imanente desta estrutura original, que uma fotografia é. (BARTHES, 1982, p. 303-304)

Barthes entende que não se pode considerar a fotografia na imprensa como uma estrutura isolada, pois há sempre uma estrutura textual que a acompanha, formando duas unidades heterogêneas de sentido na composição da mensagem. Porém, há a necessidade de fazer a análise das estruturas isoladamente para o estudo da mensagem. A partir desta sugestão do autor, optamos por iniciar com o estudo do paradoxo fotográfico e dos processos de conotação da mensagem fotográfica aplicados à capa da ELLE com a modelo Lea T.

Figura 1 – Capa da ELLE com Lea T



Fonte: ELLE (2017, documento eletrônico)

Para Barthes, o paradoxo fotográfico é explicado pelo desenvolvimento da conotação a partir da denotação, esta conferindo uma ideia de cópia do real que se sobrepõe à primeira. Este é um paradoxo estrutural e ético, segundo o autor, pois a procura pela neutralidade cria um campo de busca da cópia minuciosa do real, na tentativa de afastá-la da agregação de valores na imagem. Aproximar-se dos processos de conotação, portanto, permite uma amplitude maior de leituras e significações das composições fotográficas.

Considerando a conotação como “uma codificação do análogo fotográfico” (BARTHES, 1982, p. 307), o autor destaca seis processos de conotação, separados em dois grupos: trucagem, pose e objetos (nos quais se opera a modificação do real, ou seja, da mensagem denotada); fotogenia, estetismo e sintaxe. No presente estudo, consideramos relevante apresentar a definição de estetismo de Barthes:

Se se pode falar em estetismo em fotografia, será, ao que parece, de maneira ambígua: quando a fotografia se faz pintura, isto é, composição ou substância visual deliberadamente tratada “na massa”, será quer para se significar ela mesmo como “arte” (...), quer para impor um significado ordinariamente mais sutil e mais complexo que o permitiriam outros processos de conotação. (BARTHES, 1982, p. 310)

É justamente a construção destes novos significados possibilitados pelo estetismo o objeto de nossa avaliação na fotografia de Lea T. Conforme Barthes (1982, p. 313), em razão do “seu código de conotação, a leitura da fotografia é, portanto, sempre histórica; ela depende do ‘saber’ do leitor, exatamente como se se tratasse de uma língua verdadeira, inteligível somente se aprendemos os seus signos”. Logo, essa construção de sentidos possibilitada pela capa só é possível pela popularidade da obra utilizada como referência. Ela integra o que Malraux (apud SANTAELLA, 2005) denomina como “museu imaginário”, constituído pela variedade de obras dos mais diversos períodos da história que se tornam conhecidas através de reproduções. Portanto, tanto a escolha da obra quanto a definição do processo de conotação adotado são fatores determinantes na ressignificação dos signos no quadro de Botticelli.

Representação do feminino

Para compreender a proposta de repensar o feminino proposta pela revista ELLE, notamos a necessidade de conhecer como se daria esta representação. Conforme Butler (2017, p. 18), esta representação pode ocorrer como um processo político em busca da

visibilidade e legitimidade ou como “função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres”. A autora diz que a adoção de uma linguagem de representação adotada pela teoria feminista tem sido reexaminada, tendo em vista que o sujeito que constitui a categoria das mulheres é compreendido em termos menos estáveis e permanentes.

Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim *torna-se* mulher decorre que *mulher* é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações. Mesmo quando o gênero parece cristalizar-se em suas formas mais reificadas, a própria “cristalização” é uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por vários meios sociais. (BUTLER, 2017, p. 69)

Butler (2017, p. 69) ancora-se na ideia de Beauvoir de que não é possível tornar-se mulher em definitivo para entender o gênero como uma “estilização repetida do corpo”. Este corpo não é interpretado pela autora como instrumento passivo que aguarda significações, mas como “conjunto de fronteiras individuais e sociais, politicamente significadas e mantidas” (BUTLER, 2017, p. 70).

Neste contexto, a mulher transexual como sujeito constrói-se integrante dessa representação, abrindo espaço para ressignificações, contudo ainda se incorre no risco de que a cristalização das formas apontada por Butler (2017) seja um processo de reforço da heteronormatividade.

Petry e Meyer (2011) propõem justamente algumas reflexões em torno desta questão. As autoras, mesmo que reconheçam a importância da cirurgia de redesignação sexual, questionam do valor que ela representa no processo de identificação da transexualidade como “legítima”. Apontam, ainda, o conflito de entender a cirurgia como uma correção, uma forma de adequação do corpo à mente, que reforça o entendimento de que a transexualidade é sempre um transtorno que necessita desta intervenção.

Ocorre que para outros indivíduos que vivem o gênero e a sexualidade multiplicando e/ou atravessando provisoriamente as fronteiras do binarismo ou nelas se instalando, e que por este discurso também seriam denominados de transexuais, a cirurgia não seria necessária se houvesse a possibilidade de legitimidade social (por exemplo, a mudança de nome, o acesso a implantes de silicone e tratamentos hormonais) sem precisar passar por ela. (PETRY; MEYER, 2011, p. 197)

Assim, há ainda a questão do quanto a mulher transexual precisa aproximar-se do estereótipo do feminino para ser reconhecida como mulher. E, a que ponto a exigência – guiada por fatores externos e escolhas pessoais – reforça esses estereótipos.

Para adentrar mais a fundo nessas questões teóricas inspiradas em Barthes e em Butler entendemos que será necessário, em primeiro lugar, fazer uma contextualização da ação da revista ELLE para situar a questão que nos move nesse artigo.

Contexto da ação da ELLE

A revista ELLE considera-se a maior revista de moda do mundo, com 21 milhões de leitores e 6,5 milhões de exemplares vendidos por mês, em 46 países. No Brasil, 55 mil exemplares são vendidos por mês, tendo uma média de 256 mil leitores. Destes, 59% pertencem à classe AB e 73% são mulheres. É pioneira no ambiente digital ao ser a primeira revista a disponibilizar edições digitais e ao fazer cobertura das semanas da moda através de Facebook live e Periscope⁶. Alinhada com discussões contemporâneas, sempre busca inovar em suas capas, assim como fez na “Capa do espelho” (edição de maio de 2015), uma capa impressa em papel com acabamento reflexivo, em que a pessoa que estivesse segurando a revista pudesse se ver, sendo assim a capa do mês⁷.

Em dezembro de 2017, a revista ELLE Brasil mais uma vez inovou. Com cinco capas diferentes, fazendo releituras de obras clássicas da arte protagonizadas por pessoas conhecidas na cultura brasileira, a edição diz respeito à grande beleza: “aquela que alimenta o pensamento insubmisso e subverte e resiste a padrões estreitos, que abre o caminho dos passos e do olhar”⁸.

⁶ Mídia Kit ELLE Brasil. Disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/elle>>. Acesso em: 30/03/2018.

⁷ GAIO, Camila. **Capa histórica da ELLE Brasil homenageia você, leitora!** Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/moda/capa-historica-da-elle-brasil-homenageia-voce-leitora/>>. Acesso em: 30/03/2018.

⁸ WHITEMAN, Vivian. **A ELLE de dezembro é uma celebração da moda e da arte.** Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/moda/as-capas-da-elle-de-dezembro-unem-moda-e-arte/>>. Acesso em: 30/03/2018.

Figura 2 – Divulgação das capas da ELLE de dezembro de 2017



Fotos por: Marcio Smnch, Gustavo Zylbersztajn, Paulo Vainer, Bob Wolfenson e Mariana Maltoni/ELLE). Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/moda/as-capas-da-elle-de-dezembro-unem-moda-e-arte/>>. Acesso em: 30/03/2018.

José Celso Martinez Corrêa, o Zé Celso, é um dos mais importantes nomes do teatro brasileiro. Recria *O Grito*, de Munch, transformando o grito de medo em grito de alegria. O casal Taís Araújo e Lázaro Ramos, ambos atores, recriam *O Beijo*, de Klimt, divulgando todo o poder que emana do amor. Sônia Braga, uma das principais atrizes brasileiras reconhecidas internacionalmente, encarna *Mona Lisa*, de Leonardo Da Vinci, a obra de arte mais reconhecida no planeta e que se encontra exposta no Louvre, em Paris. Caetano Veloso posa para uma releitura da série *Joiners*, de David Hockney, ambos artistas que se preocupam com o processo de construção e perspectiva de suas obras. E por último, Lea T, modelo transexual, recria *O nascimento da Vênus*, de Botticelli, nos fazendo repensar o feminino.

Considerado pela ELLE um ano difícil para o Brasil, que, entre crises e fracassos públicos, até a arte e seu discurso tornou-se alvo de críticas, a revista, com a publicação dessas capas, manifesta o incômodo que é toda essa “tentativa de criminalizar e vilipendiar o fazer artístico, de bloquear esse fluxo ou limitá-lo segundo visões de grupos com dogmas e demandas próprios, que não representam a diversidade da população brasileira”⁹. A referência da Revista ELLE sobre a tentativa de criminalização do fazer artístico, claramente faz pauta a dois marcantes episódios de 2017. O primeiro é o cancelamento da mostra *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, que

⁹ WHITEMAN, Vivian. **A ELLE de dezembro é uma celebração da moda e da arte**. Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/moda/as-capas-da-elle-de-dezembro-unem-moda-e-arte/>>. Acesso em: 30/03/2018.

tratava questões de gênero e diversidade sexual. A exposição ocorria no Santander Cultural, em Porto Alegre, quando foi interrompida cerca de um mês após sua abertura, por manifestações de grupos religiosos e do Movimento Brasil Livre – MBL – que acusavam nas obras incitação à zoofilia, pedofilia e blasfêmia. A segunda ocorrência trata da gravação da performance do artista Wagner Schwartz, no Museu de Arte Moderna – MAM, em São Paulo, ocorrida em setembro. O vídeo, que registrava a interação dos espectadores com o corpo nu do artista, foi divulgado em redes sociais com a acusação de apologia à pedofilia, visto que havia uma criança, acompanhada de sua mãe, participando da interação.

A modelo Lea T

Leandra Cerezo, nascida Leandro, é a primeira modelo transexual com destaque internacional¹⁰. É filha do ex-jogador de futebol e craque da seleção brasileira Toninho Cerezo. Em função da carreira do pai, Lea T, nome artístico da modelo, foi morar ainda bebê em Gênova, na Itália, onde estudou Belas Artes e fez amigos relacionados ao mundo da moda, como o estilista Riccardo Tisci¹¹.

Lea T tornou-se famosa ao trabalhar como modelo para a grife francesa Givenchy, sendo uma das estrelas de sua campanha em 2010, e ao posar nua para a Vogue francesa em agosto do mesmo ano¹². Em 2013, posou para a grife italiana Benetton¹³ e em 2015 foi eleita pela revista Forbes uma das 12 mulheres que mudaram a moda italiana¹⁴.

Foi aos treze anos que Lea sentiu-se diferente pela primeira vez. No início, chegou a pensar que fosse gay, até concluir que era algo além da sexualidade. Em entrevista ao programa “De frente com Gabi”, ao falar sobre sua vida na moda, declarou que sofria *bullying* todos os dias. “A moda não tem coração, joga pesado. O gay sofre muita discriminação, mas a transexual é mais. Infelizmente a transexualidade é rejeitada em

¹⁰ GENTE. **Lea T**. Disponível em: <<http://gente.ig.com.br/leat/>>. Acesso em: 30/03/2018.

¹¹ NIKE. **Lea T**. Disponível em: <<https://www.nike.com.br/sp/air-max/lea-t>>. Acesso em: 30/03/2018.

¹² GAZETA ONLINE. **Travesti Lea T, filho do jogador Toninho Cerezo, posa nu para 'Vogue' francesa**. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2010/07/655738-travesti+lea+t+filho+do+jogador+toninho+cerezo+posa+nu+para+vogue+francesa.html>. Acesso em: 30/03/2018.

¹³ WOSGRAUS, Juliana. **A brasileira Lea T é a nova imagem da Benetton**. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/julianawosgraus/2013/01/24/a-brasileira-lea-t-e-uma-das-novas-caras-da-benetton/?topo=67,2,18,,38,67>>. Acesso em: 30/03/2018.

¹⁴ BELLEY, Mariana. **Lea T é eleita uma das mulheres que mudaram a moda italiana, segundo a Forbes**. Disponível em: <<http://emais.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,lea-t-e-eleita-uma-das-mulheres-que-mudaram-a-moda-italiana-segundo-a-forbes,1632234>>. Acesso em: 30/03/2018.

todos os lugares do mundo. Somos o lixo do mundo”¹⁵. Atualmente, entretanto, está entre as 50 principais modelos em atividade, segundo o ranking do site Models.com¹⁶.

O nascimento de Vênus

O quadro *O nascimento de Vênus* é de autoria do pintor italiano Sandro Botticelli, sendo conhecido como uma de suas mais famosas telas. A obra, de 1485, é uma têmpera sobre tela de 172,5 cm de altura por 278,5 cm de largura. É considerada uma tela renascentista, o que pode ser observado não apenas pelo período na qual foi produzida, como pela busca da perfeição nos traços humanos, inspirada na Antiguidade Clássica.

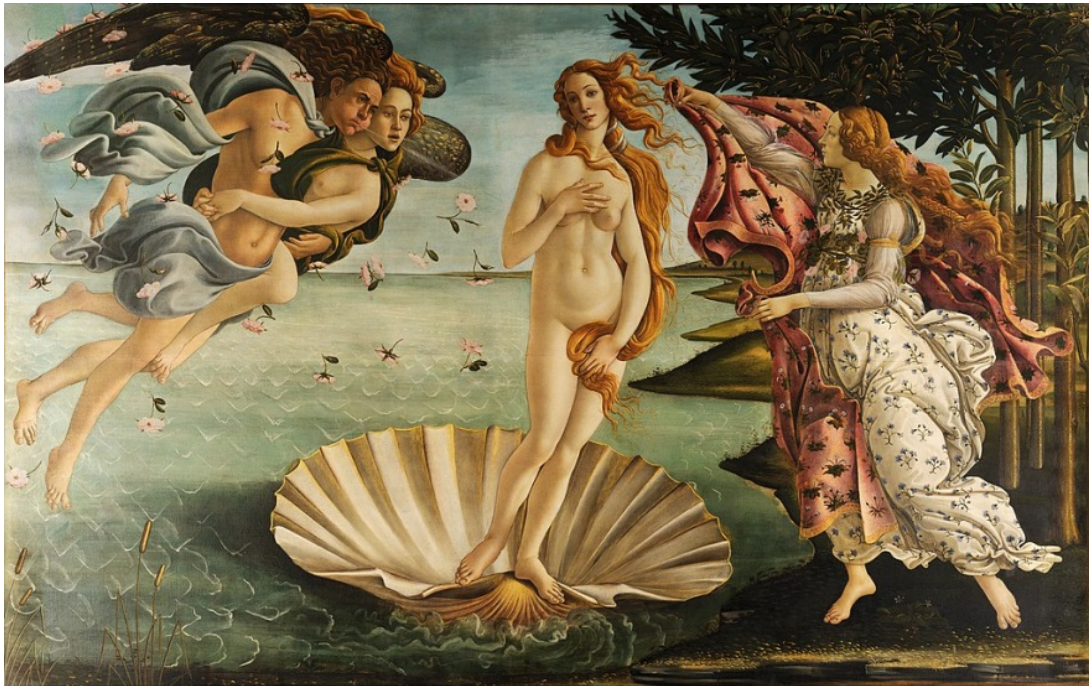
O quadro foi uma encomenda do mercador Lorenzo di Pierfrancesco de Medici para a casa de sua família, o que confere à obra uma intenção decorativa. Segundo Gombrich (2012, p. 264), Medici, ou algum outro amigo erudito do seu convívio, poderia ter explicado a Botticelli o que entendiam sobre a história do nascimento de Vênus (ou Afrodite, na mitologia grega): “o símbolo do mistério através do qual a mensagem divina veio ao mundo”. Interessante notar que a união deste conceito com a escolha da Vênus resulta em uma obra que sugere uma intersecção entre o pagão e o cristão. Assim, Botticelli teria inovado, como renascentista, ao dar protagonismo a um ser mitológico.

O quadro tem importantes elementos de referência que auxiliam na construção de sua representação. Para compreendê-los, buscamos alguns conceitos apresentados por Sarah Carr-Gomm (2004) no *Dicionário de Símbolos na Arte*.

¹⁵ GAZETA ONLINE. **Lea T: 'Sofro bullying todos os dias. O transex é o lixo do mundo'**. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/09/divirta_se/noticias/famosos/976997-lea-t--sofro-bullying-todos-os-dias-o-transex-e-o-lixo-do-mundo.html>. Acesso em: 31/03/2018

¹⁶ MODELS.COM. **Lea T**. Disponível em: <<https://models.com/models/lea-t>>. Acesso em: 30/03/2018.

Figura 3 – Quadro O nascimento de Vênus



Sandro Botticelli, 1485 (reprodução)

Figura de destaque nesta tela, a concha era um atributo de Vênus, em referência a seu nascimento das águas do mar. Segundo Carr-Gomm (2004), as conchas eram elementos muito presentes na mitologia e também se repetiram na obra de Botticelli. A rosa é conhecida como a flor de Vênus, pois a crença mitológica é que ela teria florescido pela primeira vez quando Vênus nasceu do mar (CARR-GOMM, 2004). As duas figuras à esquerda no quadro, são a representação do vento, e suas características joviais indicam, conforme a autora, ventos quentes. A mulher à direita seria uma representação de Flora, deusa romana das flores, que “desfrutava a primavera eterna num jardim de incontáveis flores e frutos, onde as Graças teciam guirlandas para seus cabelos, e ela, Flora, espalhava sementes para trazer cor à terra monocromática” (CARR-GOMM, 2004).

Por fim, a própria Vênus, principal elemento do quadro, perpassa toda a história da arte como representação de ideal de beleza. Além disso, Carr-Gomm (2004) registra a utilização do título de Vênus para a representação de nus femininos em arte. O mito no qual se inspira a pintura não é especificamente o nascimento de Vênus. Para este, existem duas versões. Na versão de Homero, Vênus nasce do modo convencional, sendo filha de Zeus e de Dione (uma ninfa do mar). Já Hesíodo apresenta uma versão trágica, na qual Cronos corta os órgãos genitais do pai de Vênus – Urano, atirando-os no mar. Em torno

deles surge uma espuma branca, da qual Vênus é gerada. Conforme Silveira (2008), a “interpretação de Hesíodo ilumina o mito de Afrodite [Vênus] com símbolos de sensualidade”.

Detalhes que contradizem o status renascentista do quadro são algumas imperfeições, observadas, por exemplo, na desproporcionalidade do pescoço em relação ao corpo, no deslocamento da linha dos ombros e em detalhes menores do corpo humano que têm um aspecto menos cuidadoso do que se buscava nas pinturas do período. Gombrich (2012), contudo, destaca que a harmonia e a beleza do conjunto do quadro justificariam como escolha estética de Botticelli estas pequenas anormalidades. O pintor abre mão do rigor extremo na representação dos detalhes do corpo, mas conduz o conjunto com muito maiores fluidez e delicadeza.

A obra é clássica, mas bastante presente na cultura popular, tendo sido muitas outras vezes utilizada como inspiração de peças, como o terceiro álbum da cantora norte-americana Lady Gaga, *Artpop*. A representação e reprodução por estes meios poderiam sugerir o quadro de Botticelli como a imagem referência de Vênus.

O renascimento de Vênus

Em entrevista à revista ELLE em janeiro deste ano, Lea T falou sobre sua participação como representação da Vênus. Por ter estudado artes em Florença, a modelo declarou que pensou muito no significado do quadro e concluiu que a Vênus é a “mulher perfeita”. Entendendo que pode ser perfeita, mesmo com suas imperfeições, considerou que poderia ocupar o papel de Vênus. Ela acredita que “todas as mulheres podem representar esta figura”¹⁷.

¹⁷ MONTEIRO, Gabriel; CAMARGO, Pedro. **Lea T: “Todas as mulheres podem representar a Vênus de Boticelli”**. Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/moda/lea-t-todas-as-mulheres-podem-representar-a-venus-de-boticelli/>> Acesso em: 30/03/2018.

Figura 4 – Produção da capa da ELLE com Lea T



ELLE (2018, documento eletrônico). Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/moda/lea-t-todas-as-mulheres-podem-representar-a-venus-de-boticelli/>>

Trazendo à cena elementos que evidenciem a referência, a construção da Vênus por Lea T, inspirada no quadro de Botticelli, estimula a ressignificação do (re)nascimento da Vênus pelo estetismo. Como se observa na foto acima, a produção se dá com a montagem de cenário completo, não se optando pela montagem digital. A modelo adquire o protagonismo da interpretação da Vênus neste espaço, preparado para recebê-la como esta personagem. Esta opção também deixa ainda mais clara a escolha do estetismo como processo de conotação da mensagem, tendo em vista que a intenção de recriação da obra de arte é uma das principais funções desta produção fotográfica, deixando em evidência as colocações de Barthes no que se refere a relação entre a leitura da fotografia e seu processo histórico. Os ‘saberes dos leitores’ precisam estar em conexão com a arte renascentista ou com contextos de reprodução dessa obra, entretanto também precisam

estar vinculados ao mundo da moda e/ou de celebridades para reconhecer a modelo e as suas escolhas de gênero. Só assim a conotação se completa.

Nessa via, outra função emerge e não está em correlação com as demais capas produzidas para a edição de dezembro de 2017: a de ressignificação da mulher ou desconstrução de gênero. A capa apresenta uma Vênus, símbolo da beleza feminina, que atende a estética corporal em vigência no mundo ocidental, representa com qualidade a modelo do quadro. Nessa perspectiva, estaria seguindo a função normativa da linguagem fotográfica e corporal, legitimando o modo hegemônico de representação de mulher. É uma referência da ordem individual da modelo que vai propor uma sobreposição de sentidos na conotação da fotografia. O corpo de belas formas que vemos na capa vai ao encontro das afirmações de Butler ao se configurar a partir de um conjunto de elementos da ordem do social, do individual e do político num processo de significação próprio.

Dos elementos destacados da obra anteriormente, o cenário tem papel importante ao inserir na fotografia a concha, as rosas, a Vênus, de forma direta. A concha reforça aqui a ideia do nascimento, que remete ao mito da deusa emergindo das águas do mar após o ataque de Cronos a seu pai, Urano. A presença da concha é, juntamente com as rosas, uma forma de legitimar Vênus através destes elementos, mas também propõe um renascimento ou um *transnascimento* por meio da modelo escolhida. A representação da deusa Flora não aparece na fotografia, assim como nenhuma outra figura de traços humanos além da própria Vênus. Contudo, um lenço que remete ao manto de Flora é utilizado por Lea T, substituindo a função do cabelo de Vênus de disfarçar a nudez.

As motivações apresentadas pela Revista ELLE para a ação encontra nesta capa a união de todas as propostas: da arte, de todos os corpos e gêneros, de livre expressão, de celebração à beleza. Integrando esses eixos, o veículo consegue provocar seu público para ressignificar a obra pelo estetismo, mas também para apreender uma posição política que dá visibilidade e legitima outros olhares para a perspectiva de gênero. A configuração da capa, pelo viés de Butler, pode ser pensada como uma prática discursiva sujeita a ressignificações, entendendo a mulher como um devir, um processo em construção do qual não se pode determinar o começo e o fim. Contudo, não se pode esquecer que entre as funções de qualquer mídia está a mercadológica, imanente ao meio, visa agradar ao público para manter e ampliar seu quadro de anunciantes. Assim, a capa opera de modo muito próximo de uma peça publicitária.

Entendemos, ainda, que a leitura do quadro na construção desta fotografia passa também por uma atualização da obra, que carrega do místico para o material a sua produção de sentidos. O uso de um cenário real e da interpretação de Lea T propõe a modelo como agente transformador do mitológico em humano. Como o mito de Vênus, Lea T emerge de uma história de violência (pela incompreensão de sua transexualidade) para renascer na representação do feminino, o devir mulher, explicado por Butler.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Mensagem fotográfica. In: **Teoria da cultura de massa**. Org.: Luiz Costa Lima. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 299-316.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARR-GOMM, Sarah. **Dicionário de símbolos na arte: Guia ilustrado da pintura e da escultura ocidentais**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

ELLE. São Paulo: Grupo Abril, 2018. Site da Revista ELLE. Disponível em: <<https://elle.abril.com.br/>> Acesso em: 30 mar. 2018.

GOMBRICH, E. H.. **A história da arte**. 16 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

PETRY, Analídia Rodolfo; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. In: **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193-198, jan./jul. 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SILVEIRA, Isabel Orestes. **A imagem da mulher na pintura européia: interface com a mitologia**. Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2008: São Paulo, SP - Tessituras, Interações, Convergências/Sandra Nitrini... et al. - São Paulo: ABRALIC, 2008. e-book.